

## **Caminhos de leitura em *Sapato de salto*, de Lygia Bojunga**

Camila de Souza Fernandes  
Alice Áurea Penteado Martha  
UEM

### **Introdução**

Durante muito tempo o estudo da literatura se orientou por meio de um enfoque estrutural, ou seja, a resposta para a compreensão do texto estava em sua imanência. É só a partir dos anos sessenta, com a aparição das teorias literárias centradas na recepção, que o leitor e a sua colaboração no processo de leitura ganha notoriedade. Assim, o texto não vive independente daquele que o lê, os dois caminham juntos.

Candido (1974) aposta na conciliação entre estrutura e função da obra literária, pois uma obra se apresenta como experiência humana e desperta o interesse pelos elementos contextuais naqueles que a lêem. Assim, a literatura se coloca como força humanizadora, atuando na formação do homem. A ficção, então, é um elemento indispensável para a satisfação de suas necessidades básicas.

Na leitura da obra literária, jovens leitores podem, a partir de um código lingüístico, desvelar o sentido da realidade que os cerca. Os textos literários, dessa forma, proporcionam o contato com as grandes tensões do pensamento humano.

Levando em conta esses aspectos, este artigo tem por foco *Sapato de Salto*, de Lygia Bojunga, autora com destacado papel no contexto editorial do Brasil e também do exterior, em razão da qualidade de seus textos. O livro em questão aborda temas atuais como abusos de toda ordem, escolhas sexuais e prostituição infantil, que perpassam todas as criaturas do mundo narrado, criando uma rede de possíveis leituras bastante ampla.

A proposta de leitura de *Sapato de Salto*, é feita à luz da Teoria do Efeito, de W. Iser, mais especificamente sob o enfoque da *perspectividade*, uma vez que a narrativa apresenta vários caminhos que o leitor pode e deve percorrer para atingir maior amplitude dos sentidos.

### **Perspectividade: rumos da leitura**

Com um enredo bastante realista, o livro foi considerado pela própria autora um livro dedicado aos jovens e aos adultos. Seus temas são de grande densidade abordando a morte, escolhas sexuais, a vida familiar, o amor, a prostituição, o abuso sexual e o abandono, mas ao mesmo tempo tratados com delicadeza.

Compreender como se dá a perspectividade do texto é assumir que ele só adquire realidade ao ser lido e que uma forma de acesso a ele pode ser intencionada por esse jogo de combinações que compõe o texto. Ao compreender essas combinações, novas formas de interpretações são apontadas, bem como novas experiências.

Logo no início do primeiro capítulo, o leitor se depara com a figura de Dona Matilde, uma dona de casa frustrada e traída pelo marido. Na cena inicial do encontro da família de Dona Matilde com Sabrina, o leitor percebe que a dona de casa não gostou da menina por meio de expressões ríspidas descritas pelo narrador, uma das perspectivas: *Dona Matilde franziu a testa...* (p. 07), *Você não veio pra brincar, veio para trabalhar* (p. 07).

Assim, o leitor entra em contato com Sabrina a partir do olhar de Dona Matilde, a qual, desde o início, mostra certa antipatia pela garota: *Não gostei do jeito dela* (p.07). *Por meio desse olhar*, descobre as origens de Sabrina, uma garota vinda de um orfanato, e mais uma vez duvida, junto com a patroa, de sua dignidade: *Uma menina assim sem pai, sem mãe, sem nada, será que presta?* (p.10).

Outro viés é o do Seu Gonçalves, um senhor que abusa sexualmente de uma criança com um pouco menos de 11 anos de idade e, para tanto, utiliza as artimanhas da conquista. Já na entrada de Sabrina em sua casa, a imagem que o narrador oferece é a de um homem que se encanta com a menina – a próxima vítima: *Seu Gonçalves olhou devagar pra Sabrina; bebeu um gole d'água* (p.07).

Em seguida os elogios vão crescendo até que o leitor concretiza a idéia de que não passam de um pretexto para aproximação: *Quando ela virava cambalhota pra divertir as crianças, ele ainda ria mais. E meio que fechava o olho querendo ver a calcinha que a Sabrina usava* (p. 14). Até que, como em

uma brincadeira de criança, com doces, presentes e chamegos, enreda Sabrina e lhe conta o segredo maior – abusa sexualmente da garotinha.

Aos poucos quem lê se dá conta de que toda a preocupação de dona Matilde em relação a Sabrina, sua ansiedade ao mastigar balas, seu nervosismo, tudo é fundado nas atitudes do marido. Interessante perceber, também, que a partir das constantes visitas de seu Gonçalves, a criança passa a tirar proveito da situação e a aceitar os “presentinhos” oferecidos, como uma forma de pagamento.

Apesar das constantes descrições que o narrador oferece do trauma sofrido por Sabrina, em determinado ponto da narrativa, o leitor passa a questionar se Sabrina realmente era o que D. Matilde apregoava, especialmente, quando ela resolve aceitar as colaborações deixadas por seu Gonçalves: *Ei!? e o dinheirinho?* (p.26).

Embora o narrador da história seja onisciente, suas marcas de perspectiva são notadas pelos títulos dos capítulos e por suas constantes descrições, opiniões sobre os fatos apresentados, aspectos que estimulam a expectativa do leitor em relação à próxima cena: *E o grande segredo dos dois passou a animar a vida dele, a botar sombra nos dias dela; e de noite, tudo que é noite, a mesma tensão: ele hoje vem?* (p.21)

Os títulos dos capítulos são uma espécie de adiantamento dos acontecimentos. Em *O segredo azul fraquinho* a primeira impressão é de que se trata de algo agradável, mas no decorrer na narrativa percebe-se que esse segredo, na realidade, é bastante cruel. Dessa forma, o leitor, ao terminar de ler o capítulo, deve retornar ao título e juntar isso a sua nova informação, o que por sua vez cria um novo significado. Percebe-se que o olhar do narrador induz a uma determinada leitura.

Já no segundo capítulo, o livro ganha a presença de Tia Inês, e mais uma vez a descrição oferecida pelo narrador conduz o leitor a imaginar, de forma indireta, uma prostituta, ou seja, atinge as camadas subjetivas do leitor pelas palavras que remetem a uma determinada imagem.

Essa descrição, entretanto, pode ou não ser confirmada durante a leitura. Nesse segundo capítulo, vem à tona a origem de Sabrina, mostrando que a menina tem família, mesmo que essa família não seja tão convencional.

Aquela imagem lançada pelo narrador no início do capítulo é reforçada pela desconfiança de Dona Matilde, com a insinuação de que Inês é uma prostituta. A raiva que a dona da casa sentia e a confirmação de que ela sabia das traições do marido é representada pelo bofetão que Sabrina leva em sua despedida.

A linguagem utilizada por Inês também é uma maneira de colocar o leitor em contato com a personagem, além de fazer parte de sua constituição. Assim, reforçam-se as idéias pelo uso de expressões como *essa bruxa, corta essa, porra, entre outras*.

Porém, a relação entre Inês e Sabrina começa a se mostrar bastante afetuosa, pois os atos da tia são de cordialidade, de zelo; o linguajar é outro. Ao final do capítulo, se restava alguma dúvida quanto à conduta de Sabrina em relação ao assédio de seu Gonçalves, tal dúvida se desfaz em sua conversa com tia Inês, quando a menina diz saber o quanto a vida pode ser dura. Uma menina de menos de 11 anos demonstra uma maturidade e uma seriedade incompatível com a idade.

No *primeiro encontro* os caminhos de Sabrina, Inês e Andrea Doria se cruzam, encontro esse que será fundamental para o desfecho da história. Logo em seguida há *Dona Gracinha*. Aqui, Sabrina conhece a avó louca, porém, muito feliz ao conhecer a neta: *Neta, minha boneca!* (p. 49)

É com sua avó que Sabrina, por algum tempo, recobra a infância perdida participando do mundo de dona Gracinha, mundo de sonhos, mundo em que se tenta esquecer o passado da morte da mãe.

A descrição da casa e, principalmente, do quarto de tia Inês confirma a idéia da vida que ela leva. Um quarto espaçoso e com espelho grande *pra gente se ver dançando, é bom* (p. 46), o que lembra um quarto de motel. Mesmo assim, no restante da casa o que se pode ver é um ambiente familiar, aconchegante e com muito amor e carinho, o que diminui o impacto das constatações.

Em *O segundo encontro*, Sabrina volta a encontrar Andrea Doria e sente um arrepio, mas o narrador faz questão de deixar claro, com uma nota de rodapé (p. 57), que a menina é uma criança e ainda não sabe muito sobre a vida, não sabe sobre o amor, sobre a atração sexual (mesmo que tenha sido abusada).

No decorrer da narrativa, a relação estabelecida entre as perspectivas acaba mudando a idéia do leitor. Se no começo o leitor pode acreditar que Sabrina é uma menina de caráter duvidoso é com o embate entre as perspectivas dela, de Dona Matilde, seu Gonçalves, de tia Inês e de Gracinha que é possível firmar conclusões mais concretas.

Fica nítido que o leitor tem que, a todo tempo, recorrer àquilo que já foi mostrado para, então, construir uma nova perspectiva. Segundo Iser (1996), cada mudança de perspectiva cria combinações textuais diferenciadas, preenchimento de expectativas, a quebra delas e expectativas futuras. Isso forma uma rede de relações na consciência do leitor e, graças a essas acumulações de perspectivas, pode haver um aprofundamento do texto.

Outro recurso utilizado é a suspensão da expectativa que, segundo Eco (2006), é uma forma de deixar o texto mais interessante. A demora, a quebra da intensidade do texto, prende o leitor, criando o entusiasmo em relação ao reconhecimento do que está por vir.

Quando o ritmo da narrativa em *Sapato de Salto* está bastante acelerado, ocorre uma pausa pela entrada de novos personagens e novos ambientes. Andrea Doria, Rodolfo, Joel, Paloma e Leonardo entram definitivamente na narrativa e constituem um novo núcleo de relações e de vivências.

A história de Andrea Doria se liga com a de Sabrina, a princípio, pela dança. Motivo de alegria do garoto, as aulas com Inês se transformam em pesadelo, pois o pai, Rodolfo, não aceita sua opção sexual, evidenciada agora pela arte da dança. Em vista disso, Andrea Doria trava um diálogo mental com seu pai e com Joel (seu namorado). O leitor tem a perspectiva do jovem com relação ao seu pai e ao seu namorado; tem um primeiro contato com ambas as personagens por meio do olhar de Andrea. Tem, então, a perspectiva de um jovem perseguido pelo pai e apaixonado por Joel (que parece não sentir o mesmo) e em vê em sua mãe e tio pessoas compreensíveis: *se sentiu seguro: para eles, podia contar.* (p.63)

Depois de longos capítulos para a introdução de novas personagens, as atenções voltam-se para Sabrina e sua trama. Em *Lembranças*, finalmente, o leitor tem acesso à história do nascimento de Sabrina, seu passado vem à tona, a loucura de sua avó já pode ser explicada. Assim, um flashback resgata

todas as emoções vividas por Maristela e dona Gracinha, que em primeira instância somente o leitor sabe. Depois, Sabrina também a conhece.

O narrador, nesse ponto, interfere novamente na narrativa com mais uma nota de rodapé: *Mal podia imaginar que poucos dias depois ia saber de muita coisa – mas de maneira tão trágica que era melhor não ter sabido* (p.118). Tal recurso permite que o leitor crie expectativa sobre o futuro de Sabrina, sobre aquilo que iria acontecer.

Assim, as perspectivas no texto, geralmente, não apresentam um princípio de sucessão temporal. Os sinais das perspectivas nem sempre evocam antecessores imediatos. Em *Sapato de Salto*, há uma interrupção da história de Sabrina quando trata de Andrea Doria e só mais adiante as narrativas de ambos se encaixam.

No capítulo *O assassino*, a verdade aparece de forma brutal. Se o leitor já sabia do verdadeiro passado de Inês, a garota o conhece a partir de sua briga com o assassino, o que resulta em sua morte brutal diante da mãe e da sobrinha. A perspectiva do assassino é a mais cruel possível, mostra a realidade nua e crua, sem rodeios, sem meias palavras: *agora eu já sei em que zona você vai trabalhar para descolar mais grana... e (...) mais burro ainda pra não ver logo na primeira trepada (...)* (p. 131).

Entretanto, para mais uma vez quebrar o fluxo dos acontecimentos e para deixar o leitor em suspensão, há nova mudança de perspectiva: do assassinato para o núcleo familiar de Paloma.

O que se pode acompanhar é uma sucessão de perspectivas que tomam corpo no contexto em que estão inseridas, quando o leitor faz as conexões percebe que as histórias que pareciam desconectadas se ligam e estabelecem sentido.

Andrea Doria, ao conhecer Inês e fazer aulas de dança, também assume sua opção sexual e o gosto pela arte. Ao brigar com Joel e logo depois tentar a reconciliação, Andrea caminha pela margem do rio e lá presencia o encontro de Sabrina com o açougueiro. Esse encontro é todo descrito por Andrea Doria, todos os comentários são feitos sob a perspectiva dessa personagem: *Mas... o que Sabrina tava fazendo ali com o açougueiro? (...) Será?... Não, não poder ser* (p. 162). Então, a perplexidade dele é transposta para o leitor.

O diálogo travado pelos dois jovens é uma espécie de descoberta da realidade feita pelo leitor e, ao mesmo tempo que choca, emociona, visto que as palavras de Sabrina para seu novo amigo são de profunda tristeza, de uma menina que conheceu o pior lado da vida e arca com as conseqüências de seus atos: *Sabia que eu sou puta?- ela insistiu. Deu os ombros. Se não sabia ficou sabendo, não é?* (p. 168)

O leitor, também por meio da perspectiva de Sabrina, descobre que isso só acontece na vida da menina porque ela passa fome, porque precisava de dinheiro para pagar as contas e porque tinha medo de ser separada de sua avó, já que as famílias da vizinhança estavam se mobilizando para mandar Sabrina a um orfanato e avó para um asilo.

Se, após a morte de tia Inês e o início da prostituição de Sabrina, o leitor passa a acreditar que dessa vez a menina viverá disso, acaba se surpreendendo ao ver sua maturidade ao expor as angústias para Paloma: *Ele não contou para a senhora que me viu com o açougueiro? Lá no capinzal? e Puta não é quem descola grana pra fazer coisa que homem quer que a gente faz quando fica pelada?* (p. 214)

Quando o leitor mais uma vez acompanha a perspectiva de Sabrina, tem a certeza de que ela é apenas uma criança, mas que sabia que aquilo não era o melhor que a vida podia oferecer, sentia que aquilo não era o que havia desejado: *eu não sabia que saudade doía tanto assim* (p. 215) e *O olho continuava no sapato, mas agora se enchendo de lágrimas* (p. 216).

A conversa entre as duas segue nesse tom de realismo. É a partir dela que Paloma decide mudar a sua vida, resgatar seu ânimo, impor limites ao marido e a romper um casamento infeliz. Além disso, decide ajudar Sabrina e tirá-la da prostituição, dando-lhe um novo lar.

Dessa maneira, Paloma, Andrea Doria, Sabrina e dona Gracinha ganham uma nova vida e todas as perspectivas convergem para a narrativa central. Assim, o final permanece aberto para futuras mudanças e rumos inusitados.

### **Considerações finais**

Tendo em vista a discussão acerca da leitura de *Sapato de Salto* pode-se afirmar que o leitor é importante peça na construção de sentido do texto. Por

meio de estruturas pré-estabelecidas que o texto oferece, o leitor é levado a reconstruir os caminhos da narrativa.

Ao mesmo tempo em que a obra proporciona prazer, é capaz de despertar o senso crítico ao mostrar uma sociedade deteriorada. Devido às várias perspectivas que um texto pode apresentar, o leitor é infiltrado no mundo narrado, saindo de sua comodidade habitual e reorganizando seu próprio mundo.

### **Referências**

BOJUNGA, Lygia. *Sapato de salto*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.

CANDIDO. Antonio. *A literatura e a formação do homem*, 1974.

ECO, Humberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução: Hidelgard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: editora 34, 1996, v.1.